

“CRISE DO MACHO”: REFLEXO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO?

VERA LÚCIA PIRES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA).

Resumo

O tema gênero começa a ser discutido no ambiente acadêmico ligado às ciências sociais e humanas a partir dos anos 80. Baseado no referencial das teorias críticas feministas, as pesquisas abordam as relações de gênero que envolvem, simultaneamente, mulheres e homens. Um dos enfoques propôs fazer dos homens e do masculino uma categoria como a das mulheres e do feminino. Para tanto, ele enunciou a inseparabilidade das duas categorias de sexo, que, assim, formam um sistema. Da mesma maneira, como fora sugerido nas teorias críticas que enfocaram a pluralidade de feminilidades, acredita-se que há uma diversidade de tipos de masculinidade, correspondente a diferentes inserções dos homens na estrutura social, política, econômica e cultural. Em nossa sociedade e cultura ocidental, não há um modelo universal de homem, que não possa ser transformado conforme o tempo e as circunstâncias, o que se tem procurado demonstrar com as investigações sobre o gênero nos últimos anos. A forma de controle social que se exerce entre os homens desde os primeiros passos de sua educação, obriga-os a serem viris, mostrarem-se superiores, fortes, competitivos, ou serão tratados como os fracos e como as mulheres. As transformações da condição masculina, marcadas pelas conquistas dos sujeitos anteriormente oprimidos, e que neutralizaram o estigma da força física e do lugar de poder do homem, provocaram o que tem sido nomeado de crise da masculinidade ou crise do macho. Esse novo acontecimento tem sido registrado não apenas nas pesquisas acadêmicas sobre as relações de gênero, mas também nos vários discursos do cotidiano, como em reportagens de jornais e revistas. Sob este prisma serão analisados, neste trabalho, exemplos retirados da mídia impressa.

Palavras-chave:

relações de gênero, masculinidades, mídia impressa.

Introdução

Este trabalho contou com a colaboração das alunas Ana Beatriz Ferreira DIAS[1], Fátima Andréia TAMANINI-ADAMES[2].

As transformações da condição masculina, marcadas pelas conquistas dos sujeitos anteriormente oprimidos, e que neutralizaram o estigma da força física e do lugar de poder do homem, provocaram o que tem sido nomeado de crise da masculinidade ou "crise do macho". Esse novo acontecimento tem sido registrado não apenas nas pesquisas acadêmicas sobre as relações de gênero, mas também nos vários discursos do cotidiano, como em reportagens de jornais e revistas.

Sob esse prisma, procuraremos verificar, por meio da análise da linguagem, como as representações sociais sobre as masculinidades são veiculadas pela mídia impressa, na qual se produzem as representações discursivas, considerando-se as diferenças de gênero subordinadas aos processos sociais.

As representações discursivas serão abordadas sob o enfoque da teoria das representações sociais e da tensão contraditória existente nos discursos, pelo viés bakhtiniano.

1 Tecendo um conceito de gênero social

Torna-se impossível falar atualmente em conceito de gênero social, no singular, ao invés de "conceitos" de gênero. Uma pluralidade de significações emerge quando da utilização do termo gênero, o que aponta, muitas vezes, para noções imprecisas, vagas e confusas da palavra no âmbito dos estudos de gênero[3].

A distinção entre sexo e gênero, na década de 70, foi fundamental para refutar o determinismo biológico como justificativa para as desigualdades sociais entre mulheres e homens. Com essa perspectiva teórica, pretendeu-se romper com as remotas argumentações de que as diferenças anatômicas e fisiológicas determinavam a essência de ser ou mulher ou homem.

Não pretendemos, contudo, negar que os aspectos biológicos dos sexos integram a noção de gênero, mas sim destacar a construção social e histórica das características tradicionalmente consideradas femininas ou masculinas. Tomamos gênero não como o oposto de sexo, mas sim como "um conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e atributos que a cultura lhe oferece" (Kehl, *apud* Moraes, 1998: 103).

Ainda assim, para os objetivos desta pesquisa interessa-nos a dimensão cultural de gênero, de modo que parece ser possível nos filarmos à abordagem culturalista de gênero. De acordo com Pereira (2004), a abordagem culturalista considera gênero em seu caráter arbitrário, ou seja, social e simbólico. Não se trata de concebermos os aspectos culturais como determinantes para a categoria, mas como constituintes fundamentais dela.

Recentemente, o dicionário *Novo Aurélio* (1999: 980) incorporou uma noção culturalista à significação do termo gênero, definindo-o como uma forma "culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e *status* atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos".

Joan Scott (1990), ao propor sua definição de gênero, reafirma esse caráter de construção social e histórica das diferenças estabelecidas entre mulheres e homens e destaca que essas relações envolvem poder. Assim, sua definição central de gênero repousa sob duas proposições centrais que fazem da noção "uma categoria útil de análise": "(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (*ibid.*: 86).

Gênero, assim considerado, representa "um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana" (*ibid.*: 89). Uma vez que as características consideradas como tipicamente femininas e masculinas são construídas socialmente, gênero é uma categoria flexível, conforme o momento histórico, a organização da sociedade, os grupos sociais que a compõem, como os religiosos, étnicos, de classe, etc. Nessa perspectiva culturalista, pretende-se negar a existência de uma oposição binária fixa entre os sexos.

Uma das consequências mais significativas desse fato encontra-se na possibilidade de considerar as relações de gênero de forma mais ampla do que interações sociais entre mulheres e homens, uma vez que permite compreender e incluir diversas maneiras de se viver as feminilidades e as masculinidades, socialmente construídas.

Sendo assim, incorporadas essas questões à noção de gênero social, os valores tradicionalmente ligados ao feminino e ao masculino passam a ser atributos do ser humano na sua globalidade e não especificamente de mulheres e homens.

2 A crise do macho ressignifica a crise do sujeito

A crise do sujeito moderno foi instaurada a partir de descentramentos lentos e graduais da subjetividade que deslocaram o sujeito cartesiano de seu centro. Hall (2004) identifica cinco grandes pilares teóricos que influenciaram na desconstrução dos paradigmas culturais tradicionais: a teoria sociológica de K. Marx, a psicanálise de S. Freud, a linguística moderna de F. Saussure, a filosofia de M. Foucault e o movimento feminista. Todos eles ocorridos a partir dos anos 60 do século passado[4].

Marx negou a primazia de uma essência universal, individual e singular do homem. O ser humano é capaz de produzir as condições de sua existência, todavia, é historicamente determinado por elas.

Freud, por sua vez, negou a existência racional e una de uma identidade fixa do sujeito pensante. O homem não é o senhor de si mesmo, mas é moldado por formações do inconsciente.

O terceiro descentramento, conforme Hall (2004), foi estabelecido pela linguística moderna de Saussure, que postulou a língua como sistema social e não individual de signos. O indivíduo não é dono do seu dizer, porém obedece às normas e significados culturais de sua língua.

A teoria de Foucault provocou a quarta ruptura com as identidades fixas, ao afirmar que o "poder disciplinar" das instituições, por meio de regras e da vigilância, além de controlar, transforma os indivíduos em "corpos dóceis", isolados e individualizados.

Com o feminismo ocorre o derradeiro descentramento de uma identidade androcêntrica e patriarcal, por meio do questionamento da dicotomia público/privado, além de fomentar a discussão em torno do que se convencionou chamar de "política das identidades", iluminando outros grupos (negros, homossexuais, etc.) tão excluídos quanto as mulheres. Tais grupos organizaram movimentos sociais, que lutavam por direitos civis semelhantes aos dos cidadãos representantes do *status quo* vigente.

Conforme Knoll (2009: 04), todas essas mudanças culminaram no deslocamento do sujeito e na decorrente concepção de identidades plurais. Não há uma "identidade una no sentido de unificada ou homogênea, pelo contrário, as identidades são multifacetadas, heterogêneas, fragmentadas e estão em contínuo processo de construção ou estabelecimento".

Os estudos acerca do *status* social feminino, as suas relações com o universo masculino, com a vida privada e com a vida pública, levaram ao questionamento do papel e função masculinos, já que não se pode olhar para o mundo feminino ignorando o mundo masculino, e vice-versa.

Foi, assim, no contexto tecido sobre as críticas e os avanços dos estudos feministas e de gênero e dos novos movimentos sociais que a masculinidade, também

compreendida como culturalmente específica, emergiu como uma temática a pesquisar. Segundo Henningen (2004: 110), embora essas pesquisas sobre masculinidades remontem aos anos 70, apenas na década seguinte apareceram estudos sobre a construção social das masculinidades, diretamente beneficiados por reflexões em torno do conceito de gênero.

Esses estudos introduziram novas concepções sobre a definição da identidade masculina e questionaram a idéia vigente até os anos 80 - quando a masculinidade era estudada ou sob o ponto de vista dos homossexuais, ou sob o ponto de vista da relação entre mulheres e homens - na qual havia um modelo único de masculinidade.

Conforme enfocamos anteriormente (PIRES & FERRAZ, 2008), as teorias críticas de gênero sugeriram a pluralidade de feminilidades, o que fez Garcia (1998) acreditar que há, da mesma forma, uma diversidade de tipos de masculinidades, correspondente a diferentes inserções de homens na estrutura social, política, econômica e cultural. Na cultura ocidental, não há um modelo universal de homem que não possa ser transformado conforme o tempo e as circunstâncias.

A partir dessas constatações, emerge a "crise do macho" que Arent (1999: 119) definiu como a insegurança masculina frente à perda de seu papel tradicional de dominação, bem como frente à exigência de novas atribuições sociais, como o cuidado aos filhos e a realização de tarefas domésticas, ocupações anteriormente exclusivas das mulheres.

Refratados e refletidos na mídia, discursos cotidianos registram a construção de novas identidades sociais de gênero, cujo fundamento é a interação. A relação social, decorrente dessa interação, implica no reconhecimento de diferenças e particularidades individuais, revelando um tenso processo de movimentação em direção a - e não contra - esses outros.

A seguir, abordaremos como as marcas identitárias atribuídas a cada sujeito nas representações da mídia são essenciais na elaboração daquilo que aprendemos e reconhecemos como determinada identidade.

3 Construções discursivas de gênero na mídia impressa

Os meios de comunicação desempenham um papel nodal na cultura contemporânea, uma vez que, desde meados do século XX, configuram-se como *locus* decisivo da produção e circulação de discursos sobre os modos de ser e de fazer e sobre a subjetividade humana.

Segundo Miranda (2006: 65), "a mídia, ao ser tomada como uma instituição social e linguística, funciona como um espelho que reflete os conceitos e as idéias que circulam na sociedade e no cotidiano social". A mídia tem o papel de registrar os acontecimentos da história, mas o cumprimento dessa função social não acontece com neutralidade. Grupos sociais diversos, vivenciando condições sociais diferentes, produzem múltiplas representações sociais, expressas em diferentes discursos, conclui Melo (2006: 04). A linguagem não é neutra, portanto, todo discurso tende a refletir e, ao mesmo tempo, difundir valores culturais, e os discursos de representação podem trazer à superfície sistemas de valores dos quais os indivíduos se servem para julgar a realidade.

Sendo a linguagem entendida como prática social, os discursos produzidos nas práticas cotidianas, incluindo os discursos midiáticos, ajudam a construir o pensamento do senso comum que "contribui para a naturalização de crenças e de papéis sociais, de preconceitos e de relações de poder, entre elas, as relações de gênero." (PIRES & GIACOMELLI, 2008: 199).

Estudos recentes como os de Henningen (2004), Welzer-Lang (2004), Arent (1999), entre outros, mostram que uma das grandes angústias atuais masculinas é enquadrar-se na imagem do estereótipo do macho - seguro, frio, corajoso, bem-sucedido, agressivo, provedor. A figura masculina, entretanto, é ainda majoritariamente representada, nos meios de comunicação, segundo padrões conservadores que tipificam o homem como o provedor da família, másculo, um ser superior. Novas representações, no entanto, têm aparecido. Aos olhos de Fairclough (2003: 66), implica dizer que "neste período de transformação social rápida e profunda, há uma tensão entre pressões pela estabilização, parte da consolidação da nova ordem social, e pressões pela fluidez e pela mudança".

Entendemos, com Knoll (2009), que

as identidades constituem e são constituídas pelos discursos que as atravessam, de forma que a identidade masculina, se é que se pode falar em identificação genérica de homem, também foi modificada pelo conjunto de transformações que ocasionaram a crise de identidade na modernidade tardia. As identidades masculinas são tão plurais, fluidas e cambiantes quanto as demais identidades culturais. (p. 11)

A mídia não é uma instituição impermeável ou resistente à quebra de todos os tabus tradicionais, uma vez que toda a esfera discursiva é constituinte e constitutiva da sociedade. É o que veremos, através de exemplos de enunciados, adiante.

4 Metodologia

Processos avaliativos devem estar sempre ligados a questões ideológicas. Segundo Bakhtin (1997), tudo que é ideológico se "encarna" em algum material semiótico, ou seja, na linguagem, que reflete e refrata a realidade.

Rodrigues (2008: 65) afirma que a análise dialógica do discurso - ADD - é uma vertente da análise/teoria do discurso na perspectiva bakhtiniana da linguagem. Na ADD não existem categorias prévias estabelecidas para classificar os dados, mas os pressupostos metodológicos e teóricos desse tipo de análise trazem à tona "relativas regularidades no processo de ausculta" (Ibid.: 69-70).

O dialogismo bakhtiniano é uma teoria axiológica, ou seja, pressupõe avaliação, tomada de posição perante a realidade cotidiana. Nesse sentido, as relações dialógicas, que são de natureza semântica, acontecem entre enunciados concretos e não no seu interior. Conforme Faraco (2007),

Para Bakhtin, a realidade social da linguagem é sempre heterogênea (...) e axiológica. Essa materialidade axiológica se materializa nas vozes sociais. É ela que torna polissêmicos os signos linguísticos (p. 47).

Essa é a questão dialógica por excelência: o modo como os enunciados remetem às diversas significações atribuídas às diferentes vozes sociais em contato. Ou, dito de outra maneira, é a interpenetração dessas vozes, em permanente tensão, que dá dinamicidade à língua. Por isso, "uma análise dialógica do discurso se interessa por explorar as diferentes interrelações entre as linguagens sociais e os efeitos que daí decorrem" (PIRES & GIACOMELLI, 2008: 211).

Feitas essas considerações, passemos à análise.

5 Representações discursivas de gênero na mídia impressa

Nosso *corpus* é composto por enunciados verbais, retirados de capas da revista *Veja*, bem como de outros de variadas publicações *on line* (*Veja*, *IOL Diário*, *Digestivo cultural*). Concordamos, assim, com Pinheiro (2002) que, remetendo à concepção bakhtiniana para a análise de textos midiáticos, preconiza-a como a mais adequada, uma vez que "a flexibilidade de sua teoria permite a adequação e a transposição de seus fundamentos sobre a organização genérica às obras deste tempo, especialmente, aos textos midiáticos contemporâneos" (p.267).

São os seguintes, os enunciados analisados:

De capas de revistas:

(1) **HOMEM**: *o super herói fragilizado*. (2001)

(2) **O NOVO HOMEM**: *Ele desenvolveu a sensibilidade, interessa-se mais pelos filhos, assume e exhibe emoções, preocupa-se com a aparência, aprecia culinária e apurou seu senso estético. É forte, mas tem estilo. Está nascendo o macho do século 21*. (2003)

(3) *O homem em seu novo papel*. (2004)

De publicações *on line*:

(4) **A crise do macho**: *psiquiatra diz que os homens estão em dúvida sobre o papel masculino e não sabem mais lidar com as mulheres*. (2000)

(5) *A literatura da falência do macho*. (2001)

(6) **A metamorfose do macho**: *a revolução que criou o novo homem foi menos barulhenta do que a feminina. Mas suas marcas na sociedade são igualmente profundas*. (2004)

Por meio desses seis enunciados, podemos observar que os discursos midiáticos representam de certa forma o deslocamento de identidades historicamente atribuídas aos sujeitos masculinos, anunciando a emergência de um "novo homem em seu novo papel", como expresso no enunciado 3. Os elementos lexicais do *corpus* selecionado apontam tanto para representações de uma nova identidade masculina - como na reiteração do vocábulo "novo" (enunciados 2, 3 e 6), com a função de qualificar "homem"- quanto para representações do papel tradicional de macho, cujo modo de vida parece estar se transformando - "crise do macho" (4); "falência do macho" (5) e "metamorfose do macho" (6).

Contudo, as identidades deste novo sujeito não estão acabadas e bem definidas. Como mencionamos anteriormente, as identidades estão sempre em construção. No enunciado 2, a locução verbal constituída por gerúndio ("está nascendo o macho do século 21") indica um processo em desenvolvimento, ou seja, progressivo, marcado pelo surgimento de um *novo homem*.

Notamos que, neste processo de construção de identidades, o sujeito é composto não por uma única, mas por várias identidades contraditórias entre si. Em "o super-herói fragilizado" (1), a imagem de homem forte e corajoso, tal como um super-herói, opõe-se ao papel do homem no mundo moderno, "fragilizado". São duas identidades contraditórias entre si, mas que integram, igualmente, uma única categoria - o homem; tanto é assim que, na forma linguística, "super-herói" e "fragilizado" constituem não dois, mas um único sintagma, referente ao vocábulo "homem".

No enunciado 2, também observamos vários atributos referentes ao novo homem que corroboram a contradição entre duas identidades: uma comumente associada ao feminino, cujos predicados estão elencados através do recurso expressivo do paralelismo sintático e semântico ("desenvolveu a sensibilidade"; "interessa-se mais pelos filhos", "assume e exibe emoções", "preocupa-se com a aparência", etc.); e a outra relacionada com o estereótipo de macho, ("forte"). Em um nível linguístico, a oposição entre essas duas identidades está marcada pela conjunção adversativa "mas", que introduz a idéia de compensação quanto ao atributo mencionado no texto comumente associado ao homem: *é forte, mas tem estilo*. Dessa forma, o confronto entre essas identidades possíveis gera uma crise de identidade no sujeito, neste caso, conhecida como "crise do macho".

Conforme dito anteriormente, o discurso, dialógico e ideológico reflete e refrata dimensões da realidade social. Isso nos leva a considerar, com base no *corpus* analisado e no poder constitutivo do discurso, que os textos midiáticos não só operam no sentido de retratar ou representar o macho em crise, mas também no sentido de inscrever tal "crise" no conjunto dos fenômenos socioculturais contemporâneos.

Considerações finais

O feminismo, como um dos maiores movimentos sociais organizados do século XX e cujos efeitos são irreversíveis, visto que foi ponto de partida de mudanças que ainda hoje são motivadas, corresponde, conforme mencionado, a um dos descentramentos do sujeito. Sendo categoria relacional, é impossível conceber que a mudança que afetou um dos pólos, no caso, o feminino, não tenha tido qualquer efeito sobre o outro, o masculino. Desse modo, ao passo que as mulheres

remodelaram suas identidades, reconfiguraram o espaço social e os padrões de comportamento, constituindo novas posições de sujeito e integrando-se a outros contextos, os homens também incorporaram as mudanças.

Dessa forma, concluímos, respondendo à indagação inicial: a "crise do macho" não é mais que uma consequência da crise do sujeito.

Referências bibliográficas

ARENT, M. A crise do macho. In: ROSO, A; MATTOS, F.B.; WERBA, G.; STREY, M. N. **Gênero por escrito**: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.119-131.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

____. **O discurso no romance**: questões de literatura e de estética - a teoria do romance. 3ªed. São Paulo: Hucitec, 1993.

DE MORAES, M.L.Q. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.11, p.99-105, 1998. Disponível em: . Acesso em 02 fev.2009.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

FARACO, C.A. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, A.M.; MACHADO, A.R.; COUTINHO, A. **O interacionismo sociodiscursivo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, S. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs.) **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos, 1998, p. 31-50.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HEILBORN, M.L.; CARRARA, S.L. Em cena, os homens... **Estudos feministas**, Florianópolis, v.6, n.2, p. 370-374, 1998.

HENNINGEN, I. Modos de ser homem e ser pai na mídia. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L.; PREHN, D.R.(orgs.) **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.101-128.

KNOLL, G.F. **Identidades em ressignificação**: subvertendo o público e o privado. 2009. (No prelo).

MELO, M.S. de S. A representação da mulher em revistas femininas. **Revista virtual de estudos da linguagem**, v.4, n.6, mar/2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/6/artigos/revel_6_a_representacao_feminina.pdf> Acesso em 10 mai. 2009.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MIRANDA, C.E.S. Mídia e identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas. **Letras & Letras**, Uberlândia, v.22, n.2, p.65-84, jul/dez. 2006.

PINHEIRO, N.F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D.(Orgs.) **Gêneros textuais**. Bauru: Edusc, 2002, p.259-290.

PEREIRA, V.L. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L.; PREHN, D.R.(Orgs.) **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.173-198.

PIRES, V.L.; FERRAZ, M.M.S. Do machismo ao masculino: o vínculo das relações de gênero transformou o homem? In: GHILARDI-LUCENA, M.I.; OLIVEIRA, F.de. (Orgs.) **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Editora Alínea, 2008.

_____; GIACOMELLI, K. Reflexões sobre gênero social sob uma perspectiva dialógica. In: MOTTA-ROTH, D.; CABANÃS, T.; HENDGES, G.R. (Orgs.). **Análises de textos e de discursos**: relações entre teorias e práticas. 2. ed. Santa Maria: PPGL- Editores, 2008.

PISCITELLI, A. Gênero em perspectiva. **Cadernos Pagu**, n.11, p.141-155, 1998. Disponível em: . Acesso em: 02 fev.2009.

RODRIGUES, R.H. A análise de discurso na perspectiva do círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. In: MOTTA-ROTH, D.; CABANÃS, T.; HENDGES, G.R. (Orgs.) **Análises de textos e discursos**: relações entre teorias e práticas. Santa Maria: PPGL- Editores, 2008, p.65-87.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: EDUFRGS, v.20, n.2, jul/dez, p.71-99, 1995.

SWAIN, T.N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora da UFPR, n.34, p.11-44, 2001.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M.R. (Org.) **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p.107-127.

[1] Mestranda em Letras/Estudos Linguísticos - PPGL/UFMS - bolsista CAPES.

[2] Mestranda em Letras/Estudos Linguísticos - PPGL/UFMS, bolsista CAPES.

[3] Um exemplo dessa questão pôde ser observado por nós no VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas - REDEFEM, em Junho de 2008, na Universidade Federal de Minas Gerais (BH). A maioria dos trabalhos apresentados no grupo temático *Gênero e violência* apresentou noções diferentes de gênero social, algumas vezes, até opostas entre si. Para Piscitelli (1998), essa multiplicidade de sentidos pode ser um fator interno que enfraquece o campo dos estudos de gênero.

[4] Os três primeiros descentramentos aconteceram a partir de releituras de Marx, Freud e Saussure.